

# A BATALHA

VI Série - Ano LXVI - n.º 288-289 | Director: António da Cruz | Preço: 1,50 euros | Mar/Jun 2020

Jornal de Expressão Anarquista



# LUÍS GARCIA E SILVA (1933-2020)

## [UM SUSTENTÁCULO D'A BATALHA]

Inspecção pormenorizada: Luís Garcia e Silva, Elisa Areias, Lígia de Oliveira e Felisbela Santana.



Após doença prolongada, faleceu recentemente Luís Garcia e Silva, um dos mais consistentes militantes do movimento libertário português depois do 25 de Abril.

Com a indefectível acção da sua companheira Elisa Areias, foram eles quem, com mais permanência e responsabilidade, assumiram nas últimas três décadas a maior parte das tarefas de administração do Centro de Estudos Libertários, aí incluindo a publicação do jornal *A Batalha* e a sua instalação na actual sede, nos Olivais.

Natural de Lisboa, onde fez os seus estudos, e médico de profissão, Luís Garcia e Silva desempenhou funções clínicas em Marrocos (Rabat) entre 1961 e 63; seguiu depois para o Reino Unido onde se especializou em dermatologia, tendo trabalhado em Glasgow, Newcastle e Londres. Regressado a Portugal e já com 37 anos de idade, foi apesar disso mobilizado para a guerra colonial, ficando em Luanda entre 1970 e 72. Depois do 25 de Abril, prosseguiu a sua carreira nos hospitais públicos, chegando a dirigir o serviço de dermatologia do Hospital de Sta. Maria em Lisboa. Desde a sua experiência na Grã-Bretanha, pelo menos, ficou um firme adepto da existência de um Serviço Nacional de Saúde.

Crítico do regime político ditatorial, foi um dos poucos novos militantes já amadurecidos que logo se juntaram na sede da Rua Angelina Vidal para tentar reconstruir um movimento libertário.

a partir do seu jornal mais representativo. São disso provas documentais várias das fotografias que estiveram patentes na recente Exposição da Biblioteca Nacional sobre o Centenário d' *A Batalha*.

Embora afastado durante alguns anos – sobretudo no período mais turbulento dos anos 70 entre as tendências anarquistas, sindicalistas e «autónomos» –, o Luís regressou às actividades propagandísticas do CEL e, em 1988, no último número do jornal editado sob a orientação de Emídio Santana, ele entra para a redacção do jornal, posição que só abandonou em 2018, por evidentes razões de saúde. Foram, assim, trinta anos redondos de colaboração redactorial permanente, decisiva para que o jornal se mantivesse presente nos escaparates.

Profundo conhecedor da história do movimento anarquista internacional, Garcia e Silva foi também autor de várias brochuras e cadernos editados em suplemento ao jornal, e concretizou a organização de várias iniciativas de debates e exposições sob a égide do 'Círculo Joaquina Dorado - Liberto Sarrau' (anarquistas espanhóis que se tornaram amigos do CEL).

JOÃO FREIRE E  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Ideologicamente talvez próximo do socialismo libertário a que aderiu Moisés Silva Ramos, o Luís Garcia e Silva e a Elisa Areias foram os idealistas que, mais do que quaisquer outros, conseguiram fazer sobreviver *A Batalha* no espaço público, prosseguindo o esforço e o entusiasmo da equipa antecedente onde (sem menosprezo para os restantes) têm de ser destacados os nomes de Emídio Santana, Moisés Ramos e Lígia de Oliveira.

O seu convívio era franco e leal e sabia manifestar as suas opiniões numa forma tranquila, embora assertiva, raramente abdicando das suas posições que tinha por estudadas e fundamentadas.

Teve durante anos um papel chave na coordenação da redacção do jornal, convocando as suas reuniões, que em geral tinham lugar ao sábado à tarde, mas nunca quis assumir formalmente a sua direcção, deixando essa tarefa para figuras que participavam de forma directa no CEL – primeiro Maria Magos Jorge e depois João Santiago, um autodidacta, que trabalhou a vida inteira como sapateteiro e que se manteve longos anos na direcção do jornal sempre em estreita colaboração com o Luís e a Elisa.

As notas que escreveu para o jornal, e inúmeras foram, logo desde 1975, revelam um homem de boa cultura, com leituras variadas e um gosto acentuado pela língua escrita e senhor dum estilo pessoal, que primava pela boa construção, a economia vocabular e a clareza, tudo na linha das indicações dadas por Luís António Verney nas suas cartas sobre Retórica e que António Sérgio dois séculos mais tarde actualizou. Sérgio era de resto um dos seus autores preferidos e sobre ele chegou a escrever com simpatia e adesão n' *A Batalha*.

A sua tradição era pois ilustrada e iluminista, próxima da razão esclarecida, o que não deve surpreender em alguém que fez estudos médicos e no curso duma longa vida se dedicou à ciência.

Como quer que seja, isto não o impediu de reconhecer os malefícios do «progresso» e de prestar a maior atenção aos movimentos que contestavam o desenvolvimento industrial, abrindo as páginas do jornal a temáticas novas como a agricultura biológica, a luta contra a mineração e o fracturamento hidráulico (*fracking*).

Uma última palavra para a Elisa Areias, companheira duma vida, que muito o apoiou na doença, e para o Sérgio, o filho de ambos, a quem daqui saudamos com amizade e no maior respeito pela memória do Luís Garcia e Silva.